



CONCEPÇÕES E ABORDAGENS DO ENSINO DA GEOGRAFIA: a importância do saber cartográfico nos anos iniciais da Educação Básica

Lucélia dos Reis Santos Soares
lucelia.santos.soares@gmail.com

Mestra em Geografia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professora do Curso de Pedagogia da Faculdade Adventista da Amazônia (FAAMA) e da Secretaria de Educação do Pará.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4125-486X>

Kelson Lucien Rodrigues Lobato
kelsonlobato.123@gmail.com

Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Presidente da Pró Empreender (Qualificação profissional).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0691-4199>

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de apresentar a importância do ensino de Geografia nos anos iniciais da educação básica e suas principais abordagens, tradicional e crítica para o processo de ensino-aprendizagem. Tal processo com base nas abordagens teórico-metodológicas da ciência geográfica visa contribuir na formação de sujeitos críticos, analíticos e interativos, a partir da realidade social a qual estão inseridos. O estudo primou em realizar uma pesquisa bibliográfica, apresentando as diferentes concepções da Geografia para o ensino da disciplina nos anos iniciais. A pesquisa deteve-se também em compreender de que forma o livro didático pode contribuir na formação do sujeito com base nos pressupostos teórico-metodológicos que este recurso apresenta. Por fim, as reflexões apontam que existe uma intervenção pedagógica dos educadores ao ministrar aulas da disciplina nos anos iniciais, com base na abordagem geográfica presente no livro didático adotado. Nesse processo de formação inicial do conhecimento, o letramento geográfico e a alfabetização cartográfica auxiliam no melhor entendimento dos conteúdos ministrados, buscando romper com uma disciplina tradicional e enfadonha ao surgir a Geografia Crítica como nova proposta metodológica de ensino. Esta apresenta-se com maior potencial integrador diante das dimensões da realidade do cotidiano do aluno.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino, Alfabetização cartográfica, Geografia.

CONCEPTIONS AND APPROACHES WITH
REGARD TO TEACHING GEOGRAPHY:
the importance of Cartographic knowledge
in the elementary school

ABSTRACT

This article aims to present the importance of geography teaching in the initial years and the main traditional and critical approaches to the teaching-learning process. This process is based on the theoretical-methodological approaches of the science of geography science and aims to contribute to the formation of critical, analytical and interactive subjects, from the social reality into which they are inserted. The study focused on a bibliographical research, presenting the different conceptions of geography for the teaching of the discipline in the first years of the elementary school. The research also focused on understanding how the textbook can contribute to the formation of the subject based on the theoretical-methodological assumptions that this resource presents. Finally, the reflections indicate that there is a pedagogical intervention of teachers and educators in teaching the discipline in the initial years and develop the classes based on the geographical approach present in the textbook adopted. In this process of initial knowledge formation, geographic literacy and cartographic literacy aid in the best understanding of the contents taught. Seeking to break with a traditional and boring discipline, the emergence of Critical Geography presents a new methodological approach to teaching. This offers greater integrative potential in the face of the dimensions of student's daily realities.

KEYWORDS

Teaching, Cartographic literacy, Geography.

Introdução

O ensino da Geografia a partir de 1970 rompe mais efetivamente com a forma de pensar da disciplina até então incrustada na descrição do espaço. Essa nova trajetória da ciência geográfica permitiu compreender os fenômenos e objetos de forma analítica, crítica e interpretativa. Os estudos geográficos foram então modelados em sentido horizontal, por constituir bases teóricas e metodológicas relevantes para o aprendizado estabelecendo conexões com outras áreas do conhecimento.

Ensinar Geografia na atualidade requer novas práticas metodológicas dos professores e educadores ao buscar levar o aluno a compreensão da realidade sob o ponto de vista da espacialidade do mesmo. Quando mais cedo acontecer esse processo, melhores serão os resultados, contribuindo positivamente na formação do pensamento crítico do sujeito.

Assim, a pesquisa busca mostrar a importância do ensino de Geografia nos anos

iniciais da Educação Básica, e ainda propõe uma breve análise dos conceitos da disciplina em seu processo histórico, bem como o período o qual ela é reconhecida como ciência. Nesse processo de evolução do pensamento geográfico apresentaremos algumas diferentes abordagens teórico-metodológicas caracterizando a Geografia em cada uma das concepções.

Diante da apresentação sucinta das abordagens teórico-metodológicas do ensino de Geografia, propomos fazer uma reflexão sobre os benefícios que essa disciplina pode oferecer ao aprendizado do aluno. Seguimos caracterizando e identificando os pressupostos que norteiam tal ensino, ora de forma tradicional e crítica, bem como destacar que em suma, esse processo será conduzido conforme o pensamento filosófico e a abordagem adotada pelo professor e/ou livro didático.

O papel de ensinar Geografia, em especial nos anos iniciais, é fundamental na formação crítica do aluno que adentra o espaço escolar já com informações que são resultados da suas experiências sociais e culturais do seu cotidiano, para tanto, mostrar as especificidades da Geografia junto ao processo de letramento geográfico e alfabetização cartográfica permitirá ao alunado maior compreensão entre os conceitos e sua escala local¹.

Os estudos apontaram que quanto mais a criança recebe estímulos em compreender os conteúdos a partir do meio ambiente em que ela vive, mais proveitosa será a aprendizagem, ou seja, esse processo ocorrerá de forma mais objetiva se o que for trabalhado na sala de aula estabelecer um vínculo direto com a realidade da criança (VIGOTSKI, 1991). Neste sentido, Callai (2003, p.78) destaca:

Ao permitir e criar condições a que ele trabalhe com sua realidade próxima, o aluno estará conhecendo, de modo mais sistemático, o lugar em que vive e construindo os conceitos necessários tanto para aprendizagens futuras como para a sua vida

Em relação a metodologia do trabalho, optamos por desenvolver uma pesquisa bibliográfica a qual é feita a partir do levantamento de referências teóricas publicadas por meios escritos e eletrônicos. Esse tipo de pesquisa de acordo com Fachin (1993) diz respeito ao conjunto de conhecimentos humanos reunidos em obras que tem como principal fundamento a condução do leitor à produção, coleção, armazenamento,

¹A escala local representa o uso de recursos diversos que abordem as espacialidades dos fenômenos, tais como, os mapas, plantas cartográficas e textos em escala local, levando o educando a entender e perceber de maneira mais adequada e sistematizada o lugar em que vive. Esse tipo de escala, muito utilizada nas aulas de Geografia nos anos iniciais permite que o aluno compreenda melhor os problemas locais como, a exemplo, o bairro e a rua em que possuem residência. (SALOMÃO Et al, 2017. IN: ANAIS XXVII Congresso Brasileiro de Cartografia).

reprodução, utilização e comunicação das informações coletadas para o desempenho da mesma.

Destarte, realizamos diversos estudos em produções acadêmicas de artigos e livros para compreendermos o ensino de Geografia e o seu papel com base nos conceitos categóricos, bem como, nas relações entre o sujeito e o espaço. As produções de Almeida (1989), Andrade (1987), Callai (2005), Cavalcanti (2010), Corrêa (2007), Matias (2008), Moraes (2007), Oliveira (1987), Rodrigues (2008), Santos (2006), Straforini (2001) entre outros, permitiram o recolhimento de informações que muito contribuíram na construção das análises sobre o tema desse trabalho.

Desse modo, a partir do levantamento bibliográfico buscamos enfatizar a importância do ensino de Geografia nos anos iniciais da educação básica para formação de sujeitos críticos, analíticos e interativos. Nesse processo o professor regente em sala deve apropriar-se de conhecimentos e conceitos específicos da disciplina que o ajudarão a conduzir de forma mais elucidativa a explanação dos conteúdos. É essencial que o pedagogo habilitado para trabalhar como professor nos anos iniciais da educação básica, mesmo não tendo a formação do geógrafo tenha total autonomia em apresentar as categorias de análise do espaço geográfico que são conceitos norteadores para as práticas do ensino de Geografia.

Paisagem, lugar, território e região são conceitos que não podem ser desprezados pelos professores das séries iniciais, pois eles norteiam o saber geográfico ao permitir uma melhor análise do espaço. Também vale ressaltar que é essencial ter o discernimento das correntes da Geografia² tais como: o Determinismo Ambiental, o Possibilismo Geográfico, a Geografia Pragmática, a Geografia Crítica, dentre outras, para que o professor entenda de que maneira as diferentes metodologias do ensino de Geografia tem sido abordadas ao longo de diversos momentos históricos e qual método melhor contempla o ensino da Geografia nos dias atuais.

Doravante a Geografia crítica apresenta os instrumentais necessários para

² Sobre as correntes da Geografia conforme aponta Lisboa (2006) enfatiza que o Determinismo Geográfico chegou ao seu ápice na Geografia moderna, a partir do final do século XIX, quando foi ressuscitado pelo geógrafo alemão Friedrich Ratzel; já o Possibilismo Geográfico conhecido também como escola "possibilista" foi criado por Paul Vidal de La Blache e acreditava na possibilidade de haver influências recíprocas entre o homem e o meio natural. A Geografia Pragmática, também conhecida como Geografia Quantitativa ou Nova Geografia, é uma corrente de pensamento que surgiu na década de 1950 e promoveu grandes modificações na abordagem metodológica da Geografia. Baseada no neopositivismo lógico, essa nova corrente geográfica surgiu com a necessidade de exatidão, através de conceitos mais teóricos e apoiados em uma explicação matemático-estatística. Com as críticas cada vez mais contundentes contra a Geografia Pragmática de fundamentação neopositivista, surge na década de 1970, a Geografia Crítica, fundamentada no materialismo histórico-dialético. Essa Geografia tenta romper não só com a Geografia Pragmática, mas com parte da Geografia Contemporânea. Entretanto, essas abordagens serão contempladas com um maior aprofundamento no decorrer do trabalho.

contribuição de uma nova concepção de sociedade e educação geográfica³ permitindo o engajamento de novas práticas pedagógicas para o ensino da disciplina que possibilite ao professor uma relação dialética entre os conceitos da disciplina e a realidade do aluno, diminuindo certos obstáculos epistemológicos caracterizados pela dificuldade dos professores em estabelecer relação entre teoria e prática em suas atividades docentes.

O educador deve ter clareza metodológica para que possa integrar o saber geográfico com o saber empírico dos educandos no intuito de problematizar questões em torno desses conceitos geográficos e das experiências vividas, permitindo que os próprios alunos sintam-se protagonistas do processo do conhecimento, da reflexão e da interação por aprimorar a formação intelectual e o cotidiano dos mesmos.

Sobre a estrutura do artigo, o trabalho está dividido em seis partes: No primeiro momento trata dessa introdução na qual apresentamos a visão geral da pesquisa. No segundo momento intitulado “Geografia como disciplina escolar: das abordagens tradicionais as abordagens críticas” procuramos analisar as diferentes abordagens da disciplina tendo como recorte a Geografia tradicional e a Geografia crítica. No terceiro momento intitulado “As categorias de análise do espaço geográfico nos anos iniciais” buscaremos mostrar os diferentes conceitos de estudo do espaço e a importância dos mesmos na formação do conhecimento geográfico dos alunos.

No quarto momento intitulado “A Geografia nos anos iniciais e sua importância para formação do sujeito crítico” buscaremos apresentar que na prática de ensino nesse período inicial da educação básica a Geografia crítica pode influenciar positivamente na construção do conhecimento e na formação de um sujeito pensante e interativo. No quinto momento por sua vez intitulado “A introdução cartográfica nos anos iniciais do Fundamental” abordaremos a alfabetização cartográfica como forma de facilitar o conhecimento diante das representações espaciais no processo de ensino-aprendizagem. E por fim, no último momento retornaremos há algumas análises que julgamos as principais na pesquisa realizada evidenciando na conclusão desse trabalho nossas reflexões.

³ A Geografia Crítica estabelece o rompimento da neutralidade no estudo da Geografia tradicional, propondo engajamento e criticidade junto a toda a conjuntura social, econômica e política do mundo. Estabelece também uma leitura crítica frente aos problemas e interesses que envolvem as relações de poder e proatividade frente as causas sociais, defendendo a diminuição das disparidades socioeconômicas e diferenças regionais. Defende ainda a mudança do ensino da Geografia nas escolas, ao estabelecer uma educação que estimule a inteligência e o espírito crítico (SANTOS, 1986).

A Geografia como disciplina escolar: das abordagens tradicionais as abordagens críticas

A Geografia é uma disciplina que deve oferecer meios para que os alunos possam envolver-se em seu presente e assim venham a meditar sobre seu futuro. Deve ainda fornecer uma construção cidadã ao aluno para que por meio dela ele possa ter um conhecimento de mundo mais apurado atribuindo-lhe habilidades e competências para que o mesmo possa observar, compreender e refletir sobre as transformações cotidianas ocorridas no espaço em que está inserido.

Na visão de Straforini (2001, p. 23):

A Geografia, necessariamente, deve proporcionar a construção de conceitos que possibilitem ao aluno compreender o seu presente e pensar o futuro com responsabilidade, ou ainda, se preocupar com o futuro através do inconformismo do presente. Mas esse presente não pode ser visto como algo parado, estático, mas sim em constante movimento.

Essa nova visão da Geografia passou a ser integrada ao cotidiano escolar há pouco tempo. A abordagem utilizada até as décadas iniciais do século XX era de uma Geografia tradicional e os pressupostos positivistas estavam atrelados a esse tipo de abordagem que perdurou até a década de 1980⁴.

A abordagem tradicional segundo Straforini (2001) é caracterizada por sua visão fragmentada e dicotômica que estuda apenas uma parte de uma totalidade para que depois se junte ao todo. A trajetória da Geografia tradicional é marcada pela transmissão de conhecimentos demonstrando preocupação apenas com o conteúdo ministrado em sala. O aluno é tratado como depósito de conhecimento, sem poder de questionamento, tornando-se um agente passivo neste processo.

Nesse aspecto a função do aluno era decorar ou memorizar os conteúdos repassados pelo professor através de aulas expositivas e dessa forma, o mesmo acabava ficando limitado aos conteúdos curriculares. Esse método não permitia a evolução do senso crítico do aluno por ele não ser levado a questionar e problematizar as informações apresentadas durante o ano em curso. Os conteúdos eram tratados de forma superficial, sem qualquer relação com a realidade em que o mesmo estava inserido, a

⁴ Abordagem Tradicional: Sob essa ótica, os geógrafos ergueram os pilares das correntes do pensamento geográfico identificadas como Geografia tradicional que são: o determinismo geográfico, o possibilismo e o método regional. Assim, a unidade do pensamento geográfico tradicional está calcada no positivismo, manifesto numa postura geral, profundamente empirista e naturalista (MORAES, 2007). As principais características da Geografia Positivista são: redução da realidade ao mundo dos sentidos, existência de um único método de interpretação, comum a todas as ciências. A Geografia é uma ciência de síntese, por tanto, a descrição, a enumeração e a classificação dos fatos referentes ao espaço são traços marcantes da Geografia tradicional.

função do professor era apenas ser transmissor do conhecimento e não intermediador.

Com o passar do tempo, o método de ensino da Geografia tradicional tornou-se ultrapassado, visto que já não correspondia as expectativas da disciplina ao tornar-se enfadonho, limitado e desinteressante. Surge então, uma nova forma do pensamento geográfico, surge um novo método de ensino, ou seja, estamos diante da Geografia crítica⁵. O ensino da Geografia se projeta através de um novo olhar, uma nova forma de abordagem e reflexão do ensino da Geografia com a possibilidade de tornar o educando um indivíduo mais crítico, reflexivo diante da realidade dos fatos⁶.

A introdução da corrente e do pensamento da Geografia Crítica ocorreu efetivamente a partir da década de 1970, com um movimento preocupado socialmente sobre as pautas de interesses de discussão dos geógrafos sobre as profundas desigualdades sociais oriundas do capitalismo, que começam a ser intensamente discutidas, especialmente pela vertente marxista, por meio da elaboração de estudos inter-relacionando os aspectos sociais com os ambientais. (PABIS Et al, 2012).

Ainda, segundo Pabis Et al (2012), a dicotomia entre Geografia Física e Geografia Humana ainda está presente, no entanto, os esforços para a integração são crescentes desde o início do século atual que vivemos (Séc. XXI), as discussões também caminham para a relação entre as Geografias e as novas técnicas da Sociedade da Informação (SI), por meio das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs). Sendo o espaço virtual inserido no debate deste mundo globalizado.

Assim, embora a Geografia represente uma área do conhecimento muito antiga, ela é uma ciência que passou a evoluir juntamente com as transformações da sociedade. Segundo Maia (1998), a ciência é um conjunto de descrições, interpretações, teorias, leis e modelos, visando ao conhecimento de uma parcela da realidade. Neste sentido, olhar a Geografia na perspectiva científica é trazer ao debate, o conjunto de conhecimentos em torno do seu objeto de investigação e problematizá-lo, uma vez que, nem sempre a Geografia foi relacionada como ciência, mas somente a partir do século XIX, graças aos trabalhos dos geógrafos alemães Alexandre Von Humboldt e Karl Ritter (ANDRADE,

⁵ A Geografia crítica sucede a corrente do pensamento geográfico denominada nova Geografia ou Geografia quantitativa, que surgiu durante a Guerra Fria, em meados do século XX, na Inglaterra, Estados Unidos e Suécia, corrente que, pautada em métodos quantitativos, encobria o compromisso ideológico de justificar a expansão capitalista sem exprimir a essência da realidade social. É nesse contexto de dominação pelo uso ideológico da informação e do conhecimento, assim como de agravamento das tensões sociais nos países centrais e movimentos por independência nos países subdesenvolvidos, que a Geografia crítica emerge como uma corrente que se opõe à quantitativa.

⁶ Elemento fundamental da base teórico-metodológica da Geografia crítica é a dialética que exprime a luta das ideias contrárias, que considera as coisas e os conceitos no seu encadeamento; suas relações mútuas, sua ação recíproca e as decorrentes modificações mútuas, bem como seu nascimento e seu desenvolvimento. Sua origem enquanto método se dá exatamente quando a ciência avança o suficiente para abarcar o estudo sistemático dos elementos naturais, suas modificações no seio da própria natureza. A corrente crítica pode ser enaltecida como um movimento de renovação do pensamento geográfico, tendo desempenhado um papel notório na evolução do enfoque e do método na Geografia.

1987).

Da Geografia tradicional advém a primeira corrente do pensamento geográfico, o determinismo ambiental. Esta corrente surgiu no final do século XIX com o geógrafo alemão Friedrich Ratzel, tendo por influência o positivismo no qual o homem era determinado pelo meio natural. Naquele período “as condições naturais, especialmente as climáticas e dentro delas a variação da temperatura ao longo das estações do ano, determinavam o comportamento do homem, interferindo na sua capacidade de progredir.” (CORRÊA, 2007, p. 09).

Em reação ao determinismo surge o possibilismo geográfico, originado na França no final do século XIX com Paul Vidal de La Blache, compreendendo a relação homem versus natureza. No possibilismo geográfico a natureza foi considerada como fornecedora de possibilidades para que o homem a modificasse: o homem é o principal agente geográfico. Esta nova corrente, diferente do determinismo não considera a natureza como determinante do comportamento do homem, mas sim uma relação em que o homem transforma a natureza (CORRÊA, 2007).

Outra corrente do pensamento geográfico é a Geografia regional ou método regional originada também no século XIX com influências filosóficas de Paul Vidal de La Blache (França) e do geógrafo Richard Hartshorn (EUA), em oposição ao determinismo e ao possibilismo. De acordo com Corrêa (2007) o objetivo dessa corrente é considerar a realidade dos fatos e estudar diferentes áreas, a partir dos distintos fenômenos. Essas áreas resultam no objeto de estudo do método regional, no qual a Geografia é determinada pelos espaços e lugares com o objetivo de dividir em partes a superfície terrestre por áreas para melhor investigá-las.

Em contrapartida entendemos que no contexto atual a Geografia tornou-se uma ciência que tem o intuito de buscar o conhecimento analítico voltado à realidade do sujeito, apesar de ainda algumas instituições utilizarem metodologias baseadas em abordagens de cunho tradicional, cujas observações direcionaram-se dentro de uma perspectiva positivista com métodos pautados por meio de observação, descrição e classificação dos fatos, não dispondo de explicações analíticas ainda nos dias de hoje.

A nova Geografia por sua vez tem como função a libertação intelectual dos alunos da ignorância que os mantinham ligados aos detentores do conhecimento (STRAFORINI, 2001). Ela surge na metade da década de 70 com seu fortalecimento nos anos 80, emergindo dentro da própria Geografia tradicional. O caráter da abordagem tradicional, dicotômico e fragmentado passou a ser marcado pelo descontentamento dos geógrafos em relação aos novos métodos de abordagem e aos novos recursos utilizados

para a compreensão do mundo.

A Geografia crítica apresenta o marxismo como base ideológica e busca tratar da problemática social, criticando as desigualdades e o forte desenvolvimento industrial, o qual passou a exercer um impacto significativo sobre a natureza e a sociedade. Ao contrário da Geografia tradicional, que é uma corrente de abordagem estática, a Geografia crítica é dinâmica, portanto, sua abordagem está sempre em movimento (STRAFORINI, 2001).

Compreender a realidade significa pensar criticamente sobre ela e para que o aluno seja um transformador social deve desenvolver sua criticidade, sendo necessário a compreensão de que não é propriedade apenas da ciência geográfica de exercer o papel transformador. Se pensarmos desta maneira estaremos reproduzindo o modo fragmentado de conhecimento e esse estudo estilhaçado da realidade acaba levando o aluno a não obter resultados satisfatórios (STRAFONI, 2001).

Mesmo diante de inúmeras mudanças que ocorreram ao longo da História da Educação no Brasil, particularmente no ensino da Geografia, a disciplina ainda é apresentada de forma conteudista em muitos espaços escolares, como algo que deve apenas ser transferido ao aluno, ou como uma disciplina essencialmente memorialística, sem levar em conta o seu caráter emancipatório e esclarecedor quanto aos reais problemas da sociedade, bem como na construção e reconstrução de valores essenciais no convívio social. Assim temos:

A Geografia é uma ciência que integra contribuições de todos os campos do saber e que deve ter uma função central na necessária renovação do ensino, pois traz para a sala de aula a discussão sobre assuntos locais e globais. O ensino de Geografia contribui para a formação de cidadãos responsáveis, críticos, atuantes e comprometidos com o presente e o futuro. Por meio dessa disciplina, se propõe a construir e reconstruir valores importantes para a vida em sociedade (CASTELAR, 2010, p. 18).

Ensinar Geografia tornou-se desafiador para os professores que encontram dificuldades em atrair os alunos para o universo do saber geográfico. Tais alunos apresentam inúmeros problemas que se perpetuam em toda a carreira escolar tais como, limitações na escrita, problemas de interpretação textual e cartográfico, déficit de atenção, desinteresse na realização das tarefas entre outros fatores que corroboram para o baixo rendimento nas aulas e atividades avaliativas. Nesse aspecto cabe então os seguintes questionamentos: o que tem tornado o ensino da Geografia desinteressante? Será que o profissional da área recebeu adequada formação para ministrar aulas de Geografia? De que forma os professores tem utilizado as ferramentas e instrumentos de

apoio pedagógico para facilitar o processo de ensino-aprendizagem?

Nesse contexto notamos que ainda existe uma falta de relação entre o que é ensinado na sala de aula com o cotidiano dos alunos e isso não pode estar desassociado. Para superar esse e outros obstáculos é necessário que o professor trabalhe na mediação didática⁷, o que leva a investir no processo de reflexão sobre a contribuição da Geografia no cotidiano das aulas numa perspectiva crítica e social da realidade que o aluno vive.

O professor que está na condição de intermediador do conhecimento ainda em seu preparo para as aulas, deve refletir na importância do seu papel quanto ser mediador desta construção do conhecimento geográfico, em que a reflexão do processo de ensino-aprendizagem seja contínua, construída no contexto da própria prática em sala de aula ao ensinar Geografia, assim como deve refletir também de que maneira, irá ministrar os conceitos de análise da ciência geográfica aos educandos. Lembrando sempre, que esses sujeitos trazem consigo alguns saberes e que esses saberes devem ser inseridos didaticamente nesse processo como conhecimentos prévios dos alunos.

No cotidiano escolar do ensino da Geografia o processo didático-pedagógico deve permitir uma autorreflexão do docente sobre a maneira de agir em sala de aula, deve propor construir um conhecimento para além dos fundamentos teóricos e metodológicos e deve ainda desenvolver uma ação didática consciente e autônoma, conforme expressa Cavalcanti (2010, p. 3):

Nessa perspectiva, a didática da Geografia busca analisar a dinâmica do ensino dessa matéria: elementos constitutivos, condições de realização, contextos e sujeitos, limites e demandas. Sua contribuição é produzir conhecimento amplo do ensino e dos fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia escolar, seus princípios epistemológicos, subsidiando assim a atuação docente consciente e autônoma.

Nesse sentido, a utilização dos livros didáticos como único recurso para explicar os conteúdos de Geografia revela que as práticas tradicionais ainda são predominantes, e que o desafio de ensinar Geografia está em superar métodos enfadonhos e viciosos onde o aluno apenas reproduz conceitos. Essa nova didática deve propor ainda a adoção de novas formas de ensino, investindo nas habilidades de análises e interpretações em situações práticas, permitindo que o aluno vivencie em seu cotidiano escolar o que está sendo ensinado na teoria.

Os anos iniciais representam um período crucial de formação geográfica, onde

⁷ Mediação Didática: Segundo esse posicionamento, o processo de ensino e aprendizagem se realiza a partir de problemas, das dificuldades, permitindo que os alunos se mobilizem para pensar, refletir e buscar respostas. Esse entendimento reforça a importância dos conhecimentos cotidianos para o ensino de Geografia, a fim de que se construa o conhecimento científico de forma mais significativa para o aluno (VYGOTSKY, 2010).

o aluno terá contato com os primeiros conceitos geográficos e poderá valorizar a importância do ensino da Geografia para compreensão do meio em que ele vive e para auto compreensão de sua realidade (CAVALCANTI, 2010).

Apresentar os conceitos da ciência geográfica de forma atraente e elucidativa permitirá um melhor entendimento sobre o espaço que estará sendo estudado, a partir dos conceitos de região, território, paisagem e lugar. Nesse aspecto saber a diferença entre a Geografia tradicional e a Geografia crítica, ajudará a aplicar melhor essas concepções para um bom êxito nas aulas de Geografia durante o processo de ensino-aprendizagem.

As categorias de análise do espaço geográfico nos anos iniciais do Ensino Fundamental

No século XIX surge uma nova visão que traz mudanças decisivas para a abordagem da Geografia, se opondo totalmente aos modelos das correntes pautadas no positivismo. De acordo com Corrêa (2007), a nova corrente assumida como Nova Geografia, é descrita também como Geografia Pragmática, na qual se utilizavam meios matemáticos e estatísticos para explicar os fenômenos que ocorriam na natureza, passando a ser descrita também como uma Geografia teórico-quantitativa e neopositivista.

Tais mudanças impulsionaram outros desdobramentos da Geografia surgindo no século XX, mais precisamente na década de 1970, a Geografia crítica, contrapondo a todas as correntes geográficas aqui apresentadas. Essa Geografia, denominada também de Geografia marxista ou radical surge num contexto em que já não cabiam respostas das correntes anteriores quanto aos novos questionamentos sobre o espaço geográfico. A Geografia crítica recebeu grande influência do geógrafo e geopolítico francês Yves Lacoste, considerado um dos fundadores da Geografia moderna.

Diante dessa nova perspectiva de ver o mundo surge também a Geografia fenomenológica⁸. Ao contrário da Geografia crítica que está preocupada com o social, essa Geografia trabalha conceitos que são fundamentais à análise geográfica da realidade, tais como a aparência e a essência. A fenomenologia preocupa-se com a percepção e trabalha com as estruturas cognitivas da consciência, da subjetividade de cada indivíduo, buscando promover reflexões sobre a importância das experiências

⁸ As primeiras reflexões sobre a fenomenologia surgem entre o final do século XIX e início do século XX, com a publicação de 1901 sob o título *Investigações lógicas*; em que a fenomenologia surge intimamente ligada à Matemática. Tendo como idealizador Edmund Husserl, inicia suas reflexões procurando estabelecer uma nova forma de pensamento sobre a lógica, cujo princípio fundamental são as experiências básicas da consciência não interpretadas, tomando como máxima o compreender das coisas em si mesmas. (COBRA, 2004; VON ZUBEN, 2004; MERLEAU-PONTY, 1994)

vividas. Nesse sentido cabe destacar as palavras de Lencioni (2003, p. 193):

[...] chama atenção para o fato de que é por intermédio do vivido que o indivíduo se põe em contato com o mundo dos objetos exteriores. Por isso, pela compreensão racional do vivido, com sua dimensão subjetiva, distante do mundo objetivo e abstrato da ciência, é que se alcança a essência dos objetos tal como ele se apresentam na consciência.

Logo, a fenomenologia busca ampliar constantemente a compreensão da realidade, no sentido de apreendê-la na sua totalidade, destacando a importância das percepções, dos fatos socioambientais, e por fim da intersubjetividade do pensamento, que, como um todo, constitui nosso mundo-vivido, o qual envolve as histórias, os sentimentos e os valores.

Ao refletir sobre o início da formação das correntes geográficas notamos que o indivíduo era condicionado pelo meio, no entanto, as novas correntes que surgiram, a exemplo da Geografia crítica e a Geografia fenomenológica, o homem passou a ter domínio sobre o meio ambiente não mais sendo determinado por ele. No âmbito do debate das correntes geográficas surgem então vários conceitos das principais categorias da Geografia e utilizaremos como base para conceituação destas categorias a Geografia crítica.

O primeiro conceito a ser apresentado, considerado o alicerce para a Geografia é o espaço. De acordo com Santos (1994) este objeto é o de maior relevância para os profissionais da área de Geografia, visto que a maioria considera que o espaço é definido pela ação da sociedade. Nesse sentido o espaço se impõe através das condições que ele oferece para a produção, para o exercício da política, das crenças, para o lazer e como condições de 'viver bem' (SANTOS, 2006, p. 34). Assim compreendemos que o espaço se faz através das relações do homem com a natureza e que a partir do estudo do mesmo como também dependendo da relação que se estabelece nesse espaço é que se ampliam os demais conceitos e são eles: Região, Território, Paisagem e Lugar.

Região

O conceito de região possui uma variedade de debates e diversos pontos de vistas sobre sua definição, porém utilizaremos as contribuições de Corrêa (2007) para buscar entender seu significado. O autor destaca que a região é considerada uma entidade concreta, resultado de múltiplas determinações, ou seja, "da efetivação dos mecanismos de regionalização sobre um quadro territorial já previamente ocupado, caracterizado por uma natureza já transformada, heranças culturais e materiais e determinada estrutura social e seus conflitos." (CORRÊA, 2007, p. 45-46).

Didaticamente a região é considerada uma divisão territorial definida por questões geográficas, históricas e sociais, que conta com várias subdivisões, como departamentos, províncias, cidades, entre outras. São considerados também espaços que apresentam certas especificidades e semelhanças que os diferem de outras áreas.

Território

Segundo Santos (1994) o território representa um conjunto de vários acontecimentos estabelecidos no sistema, total e integral das coisas que configuram a natureza, percebido como espaço de um domínio demarcado e ajustado sob fortes relações entre espaço e poder. Observa-se que o espaço está contido no território da mesma forma que o território está no espaço, sendo este evento compreendido da forma natural e também dos elementos criados pelo homem, o qual ele descreve.

O território também pode ser analisado por um viés político-administrativo (poder e fronteira) articulado à uma organização. Nele se constituem grupos por interesse, afinidade ou conveniência, que é paralela ao Estado e este não participa da configuração da territorialidade de tais grupos.

Paisagem

É um conceito que se refere a tudo o que podemos perceber utilizando os nossos cinco sentidos (tato, visão, olfato, paladar e audição). A paisagem pode ser caracterizada como natural para designar as expressões dos elementos da natureza que não se modificaram e artificial para representar as expressões das atividades humanas com todas as edificações artificialmente construídas sendo esta conhecida também como paisagem cultural ou antrópica.

Por outro lado, apesar do conceito de paisagem na Geografia representar aquilo que nossa visão alcança e ser definida como o domínio do visível, ela pode ser caracterizada também como invisível, ou seja, composta por elementos imperceptíveis aos nossos sentidos, como por exemplo as infovias⁹.

Assim, esses espaços compõe uma paisagem que não conseguimos visualizar, muito embora esteja presente em nosso cotidiano; logo, uma paisagem não é formada apenas de volumes, mas também de fluxos materiais e imateriais, de cores, movimentos, odores, sons etc. (SANTOS, 1994, p. 61).

Observamos, portanto, que a grandeza da paisagem está diretamente associada

⁹ As infovias significam vias de informação que representam uma rede de comunicação, formada por cabos de fibra óptica, que transmite voz, dados e imagens entre dispositivos nela conectados (NETTO, 2009).

aos sentidos do homem, a forma como ele aprecia os aspectos da paisagem no espaço geográfico, com a qual cada indivíduo se relaciona e interage compondo o seu lugar de vivência. Cada pessoa terá um lugar diferente da outra, na medida em que ambas possuem vida e cotidiano diferentes. O lugar possui também íntima relação com os aspectos culturais que marcam cada sociedade.

Lugar

Pode-se dizer que lugar é uma porção ou parte do espaço onde vivemos em interação com uma paisagem, ou seja, lugares com os quais criamos uma identidade, ou que tem importância e significado para nós. O lugar se produz a partir dos processos de globalização mediante duas perspectivas, a de mundialidade e a de particularidades, visto que o problema local deve ser sempre tomado como problema global (CAVALCANTI, 2013).

Por outro lado surgiu também o conceito de não-lugar para designar um espaço de passagem incapaz de dar forma a qualquer tipo de identidade. Os não-lugares são definidos como sendo espaços de anonimato em nosso dia-a-dia, na nossa vida e na nossa consciência. Estes espaços são, portanto descaracterizados e impessoais, não lhes são atribuídas quaisquer tipos de características pessoais exatamente porque não tem para nós qualquer tipo de significado ou história, são espaços transitórios tais como vias aéreas, ferroviárias, autoestradas, meios de transporte (ônibus, aviões, autocarros), os aeroportos, as estações aeroespaciais, as grandes cadeias de hotéis, entre outros¹⁰.

Tais conceitos sobre as categorias de análise do espaço geográfico apresentados sucintamente são de grande relevância no processo de ensino-aprendizagem por conduzir diferentes reflexões ao aluno sobre o espaço que está sendo estudado. O professor que se apropria desse conhecimento e procura inserir em suas aulas cotidianas, permitindo a interação do aluno com esses saberes, terá mais chances de propiciar o encantamento do aluno em relação à disciplina a qual está ministrando.

Nessa perspectiva é importante destacar também que o professor nos anos iniciais da educação básica tenha consciência de que não deve apenas conhecer os diferentes conceitos que categoricamente buscam explicar o espaço, mas também introduzir junto a esses conhecimentos novos métodos de ensino que venham auxiliar de forma mais coerente na formação de um sujeito ativo, dinâmico e participativo no espaço o qual está inserido, cabendo por fim dessa análise a seguinte pergunta: como superar o positivismo

da Geografia e da educação, em um mundo que está mudado e continua mudando aceleradamente?

A Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental e sua importância para a formação do sujeito crítico

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases, as séries iniciais constituem uma das etapas da educação básica que amplia a duração do ensino fundamental para nove anos, sendo obrigatória a matrícula a partir dos seis anos de idade nos anos iniciais do ensino fundamental que compreende do 1º ao 5º ano, posteriormente a criança adentra nos anos finais do ensino fundamental que compreende do 6º ao 9º ano (BRASIL, 2006).

O processo de ensino-aprendizagem nos anos iniciais constitui as bases para a formação do cidadão crítico, que ao adentrar na escola traz consigo suas primeiras experiências sociais e culturais que fazem parte da interação com o espaço a qual ele está inserido. Para Callai (2005) desde que a criança nasce os seus contatos com o mundo, seja por intermédio da mãe, seja pelo esforço da própria criança, buscam a conquista de um espaço.

Tal processo já deve ser considerado educativo, pois no estágio de desenvolvimento cognitivo em que o aluno das séries iniciais se encontra, as experiências e os costumes já adquiridos em seu convívio social são formas propulsoras de uma melhor aprendizagem e que ao apropriar-se dos conhecimentos geográficos, ele tenha a capacidade de ler e se localizar no espaço vivido em seu dia a dia.

Nesse contexto, o ensino de Geografia assume um papel fundamental para a melhor compreensão das vivências e do espaço dos alunos, não somente através da leitura de figuras, mapas, letras e números, mas através de conhecimentos que possam aprimorar a sua leitura de mundo.

Os educandos devem saber ler o mundo real, do espaço em que vivem e compreender que as paisagens as quais podemos ver são resultado da vida em sociedade, dos homens na busca da sua sobrevivência e da satisfação das suas necessidades (CALLAI, 2005). Assim, o ensino da Geografia nos anos iniciais busca apresentar possibilidades para que a criança consiga ler, compreender, interagir e transformar a sua realidade através dos conhecimentos geográficos com proficiência crescente.

O letramento e alfabetização cartográfica devem estar contextualizados com os conhecimentos prévios e as necessidades do aluno, pois de acordo com Callai (2005, p.

233) "Ao chegar à escola, ela vai aprender a ler as palavras, mas qual o significado destas, se não for para compreender mais e melhor o próprio mundo?" Desse modo, tanto o letramento quanto a alfabetização cartográfica ultrapassam as barreiras do ensino fragmentado, da leitura e escritas de palavras alheias a realidade possibilitando que o aluno possa se localizar dentro desse espaço e expressar o seu pensamento.

Para que o ensino de Geografia possa contribuir com a leitura de mundo feita pelas crianças desde as séries iniciais faz-se necessário o rompimento com a aplicação de métodos tradicionais, como por exemplo: o ensino fragmentado, descontextualizado e regionalizado que criam barreiras para que o letramento e a alfabetização cartográfica da criança sejam trabalhados em sua totalidade. Ao desenvolver práticas com diversas formas de compreender o mundo em sala de aula, o professor irá conduzir o aluno a produzir um conhecimento legítimo e que proporciona não somente a compreensão e leitura do espaço geográfico, mas também a sua representação no contexto social (CALLAI, 2005).

Para tanto, é necessário que a educação tradicional baseada nos métodos da teoria positivista sejam modificados, pois já não contempla as abordagens didático-pedagógicas do ensino de Geografia presente em muitos livros didáticos. Ao avaliarmos várias coleções didáticas de Geografia para as séries iniciais¹¹, notamos que algumas apresentam uma concepção didático-pedagógica denominada de sociointeracionismo proposta por Vygotsky (2001), o qual adota uma abordagem crítica construtivista voltada para a bagagem cultural que os alunos trazem de sua vivência.

Os livros didáticos ainda representam o principal instrumento utilizado pelo professor para "transmitir conhecimento" e muitas editoras têm disponibilizado nas coleções um instrumento chamado "Manual do professor" onde este tem por objetivo, sugerir atividades pedagógicas e facilitar a condução do trabalho docente, ao apresentar uma espécie de "receita pronta" para o docente desenvolver os conteúdos existentes nos livros (OLIVEIRA, 1987).

Por outro lado, esse processo poderá comprometer a relação entre professor-aluno, ensino-aprendizagem durante a ministração da disciplina, pois muitos professores deixam de discutir a realidade e construir novos conceitos em detrimento de uma Geografia neutra, presente em muitos livros didáticos que vem sendo há muito tempo ensinada na escola, representando muitas vezes, ideologias daqueles que estão no poder

¹¹ Abordagens Didático-Pedagógicas de Geografia nos anos iniciais: Esse exercício foi realizado no âmbito da disciplina Abordagens teórico-metodológicas do Ensino de Geografia ofertada pela Faculdade de Educação para curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará (FAED-UFPA).

moldando as crianças para perpetuar sua hegemonia.

A seguir faremos uma breve análise sobre alfabetização cartográfica nos anos iniciais, pois reconhecemos a importância desse componente na formação do aluno. Uma educação para a leitura de mapas é entendida como o processo de aquisição de um conjunto de conhecimentos e habilidades adquiridos pelos alunos para que consigam efetuar a leitura do espaço, representá-lo e construir os conceitos das relações espaciais.

Alfabetização cartográfica nos anos iniciais do Ensino Fundamental

Ler mapas é tão importante quanto aprender a ler e escrever e possuir essa habilidade não significa apenas localizar um rio, uma cidade, uma estrada. Os mapas sempre fizeram parte do cotidiano das pessoas, ao serem usados na identificação de bairros, roteiros e imagens. Os homens antigos usavam mapas para registrar informações, terrenos e caças e destes registros dependiam sua sobrevivência.

No ensino da Geografia a representação do espaço é realizada através da cartografia; e uma das formas possíveis de ler o espaço é por meio dos mapas que representam cartograficamente um determinado espaço (CALLAI, 2005). A inserção da alfabetização cartográfica desde os primeiros anos de escolarização permite que a criança consiga fazer a leitura da representação do espaço através de uma linguagem gráfica que proporcionará uma melhor compreensão não somente do espaço em que vive, mas também de outros lugares.

A capacidade de o aluno fazer a representação de um determinado espaço significa muito mais do que estar aprendendo Geografia: pode ser um exercício que permitirá a construção do seu conhecimento para além da realidade que está sendo representada, e estimula o desenvolvimento da criatividade, o que, de resto, lhe é significativo para a própria vida e não apenas para aprender, simplesmente (CALLAI, 2005, p.244).

O uso da linguagem cartográfica é de fundamental importância para o desenvolvimento do cidadão em suas atividades diárias, desde uma simples indicação de um caminho entre a casa e o local de estudo até mesmo em situações mais complexas que necessitem de uma análise mais apurada do espaço a sua volta. As noções cartográficas devem estar presentes no intelecto das pessoas, todavia como já foi explanado, alfabetizar cartograficamente o aluno desde as séries iniciais, corresponde uma atividade pedagógica fundamental para o bom desenvolvimento da cognição

visual¹² do mesmo, como também para o aprendizado dos conteúdos geográficos e para vida

O mapa tem a função de informar e não apenas de ilustrar. Quando um aluno tem a possibilidade de ler mapas desde o início de sua formação escolar ele vai ganhando autonomia e capacidade de visualizar a organização espacial tornando-se mais conhecedor de um determinado tema ao desenvolver ainda a habilidade de propor mudanças alternativas (PASSINI, 1994).

A representação do espaço precisa ser dominada até o fim do Ensino Fundamental, pois interpretar e produzir mapas são habilidades que se formam gradualmente. É salutar desenvolver esse hábito desde cedo, pois durante o processo de alfabetização cartográfica, o educando passa a compreender conceitos básicos para conseguir ler, interpretar e produzir representações espaciais com habilidade crescente.

Inicia-se uma leitura pela observação do título, temos que saber qual o espaço representado e seus limites, suas informações. Depois, é preciso observar a legenda ou a decodificação propriamente dita, relacionando os significantes e os significados dos signos relacionados na legenda. É preciso também fazer uma leitura dos significantes/significados espalhados no mapa e procurar refletir sobre aquela distribuição/organização. Observar também a escala gráfica ou numérica acusada no mapa para posterior cálculo das distâncias a fim de se estabelecer comparações e interpretações. (ALMEIDA, 1989, p. 21)

Segundo Passini (1994, p. 31) as primeiras relações espaciais que a criança constrói são as relações espaciais topológicas (vizinhança, proximidade, separação, envolvimento e interioridade/exterioridade). Elas evoluem depois para as relações projetivas (coordenação de pontos de vistas, descentração¹³ ou deslocamento na vertical/horizontal, lateralidade). As ações que os alunos organizam para essas construções podem explicar o funcionalismo do seu pensamento para a leitura do espaço e sua representação.

Nesse sentido desenhar trajetos, percursos, plantas da sala de aula, da casa, do pátio da escola pode ser o início do trabalho do aluno com as formas de representação do espaço. São atividades que, de um modo geral, as crianças das séries iniciais da

¹² Cognição Visual: É o uso de imagens mentais no pensamento. Ela é importante para realizar diversas atividades, tais como: a) raciocínio - combinação de elementos familiares para novos procedimentos ou como linha de partida, usando somente componentes elementares; b) aprender uma habilidade - a imagem é usada para definir movimentos físicos, como o treino de esportes; c) compreender descrições verbais para se chegar a certo lugar - a imagem mental parece ser vital para a interpretação de uma descrição. A cognição também é usada para o entendimento dos nossos movimentos no espaço, a partir da interpretação de um mapa; c) criatividade - ou seja, imagens que podem estimular a descoberta de novas invenções e criar novos conceitos (LOCH, 2006, p. 112).

¹³ Para definir descentração Marques (2005) argumenta que esta ação se configura como a capacidade do sujeito deslocar seu pensamento do centro e ser capaz considerar outras formas de pensamento possíveis. Nesse sentido o sujeito descentrado é aquele que ao se relacionar com outros, sabe que suas ideias e sua posição frente as ideias que esta se situa em uma entre outras possíveis. Um sujeito descentrado é capaz de coordenar sua forma enxergar os fenômenos à diferentes pontos de vista sem perder-se nessas relações.

escolarização realizam nesta etapa do ensino, e a apropriação de tais conceitos possibilita refletir sobre o processo de construção, e sobre as relações e contradições existentes nas interações do ser humano com o espaço geográfico.

Outrossim a cartografia torna-se um importante instrumento para que o aluno possa ser um leitor e um mapeador ativo, consciente da perspectiva subjetiva na escolha do fato cartografado, marcado por escolhas e objetivos pessoais de quem o faz. (CAVALCANTI, 2013).

É nesse contexto que o ensino de Geografia passa a ser um componente curricular significativo e que ao aprender a ler e interpretar esses espaços a criança consiga refletir sobre o mesmo por meio do desenvolvimento de habilidades e práticas a partir da leitura e elaboração dos seus próprios mapas representando o conhecimento de forma prática. Mediante esse contexto, a alfabetização cartográfica assume um papel de extrema relevância no processo educativo nos anos iniciais, pois proporciona a criança à possibilidade de reconhecer o seu espaço e suas transformações à luz de suas interações afetivas e sociais

Considerações finais

O artigo fez uma abordagem sobre o ensino da Geografia nos anos iniciais da educação básica, tendo em vista que a compreensão dessa ciência possibilita ao aluno uma leitura de mundo, bem como da vida e do espaço vivido. Nosso objetivo principal na pesquisa foi ressaltar a importância da Geografia nos anos iniciais levando em consideração as abordagens teórico-metodológicas da disciplina bem como os conceitos de análise do espaço geográfico.

Apesar da valorização atribuída à Geografia como ciência, os estudos mostraram que ainda predomina uma prática pedagógica tradicional com professores ministrando aulas de forma pouco atrativa, ainda que todos almejem à formação de um cidadão consciente, crítico, capaz de conceber a leitura de mundo por meio da compreensão dos conteúdos da disciplina.

A introdução da linguagem cartográfica é de fundamental importância para o desenvolvimento dos educandos, além de ser um trabalho social, pois possibilita aos estudantes em suas atividades diárias, desde uma simples indicação de um caminho entre a casa e a escola, à feira, à igreja, ou seja, a compreensão de um instrumento de síntese do espaço; até mesmo em situações mais complexas que necessitem de uma

análise mais apurada do espaço a sua volta, as noções cartográficas devem estar presentes no intelecto das pessoas, todavia como já foi explanado, alfabetizar cartograficamente os alunos desde as séries iniciais do processo de escolarização, corresponde numa atividade pedagógica fundamental para o bom desenvolvimento cognitivo do educando, não só para o seu aprendizado dos conteúdos geográficos, mais também para a vida do aluno que passara a conhecer a representação do espaço em que vive.

Neste viés pedagógico, o ensino de Geografia no século XXI não pode ser do modelo tradicional, baseado na memorização de informações fragmentadas e, ideologicamente, afirmadas sobre o princípio da neutralidade. Todavia, não basta apenas substituir os conteúdos tradicionais por conteúdos críticos, se continuar tendo como base um método de ensino tradicional baseado na memorização de conceitos, e o professor deve ser este mediador do conhecimento ao preparar as aulas de Geografia, deverá partir da realidade dos educandos diante da produção de um ensino contextualizado e comprometido com a construção de um processo construtivo nos anos iniciais do Ensino Fundamental para a formação de cidadãos de fato.

Assim, na visão da Geografia Crítica há um encadeamento do processo de aprendizagem no ensino básico muito positivo quando ao decorrer das aulas da disciplina, os sujeitos envolvidos no processo de educação apresentam-se como ativos, participativos e críticos da sua realidade e do mundo em que habitam.

Ressaltamos ainda que a partir do domínio das categorias de análise geográfica tais como região, lugar, território e paisagem o professor deve pautar-se na realidade local como ponto de partida de suas aulas. Logo, se pretendemos trabalhar a partir da realidade, e se nossos educandos são moradores do espaço rural ou urbano, devemos considerar essa realidade dentro do processo de ensino-aprendizagem.

O ensino da Geografia nos anos iniciais tem sido ainda um desafio quanto a escolha e a forma de trabalhar o livro didático, visto ainda como uma principal ferramenta de trabalho em sala de aula, haja vista que o ensino e a aprendizagem da Geografia escolar se caracterizam pela utilização excessiva do livro didático, pela aplicação dos conteúdos mais conceituais que procedimentais, como também pela utilização descontextualizada dos mapas em sala de aula.

Nessa perspectiva o professor precisa despertar a curiosidade das crianças, para assim, motivá-las pelo encantamento da Geografia, de forma com que elas possam compreender os conceitos geográficos e seus significados ao construírem novos conceitos com base em sua própria realidade. A utilização de métodos mais ousados e

atraentes nas aulas pode proporcionar experiências positivas que contribuam para que os alunos adquiram conhecimentos construtivos por meio do letramento geográfico e alfabetização cartográfica possibilitando a formação de um aluno crítico por meio da compreensão do seu âmbito social, político, econômico e cultural. Assim, este processo de ensino-aprendizagem deve mostrar a importância da compreensão dos conhecimentos geográficos na formação cognitiva e intelectual de cada criança dentro do contexto espacial a qual estão inseridas.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Rosângela Doin de; PASSINI, Elza Yasuko. **O espaço geográfico: ensino e representação**. São Paulo: Contexto, 1989.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia, ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico**. São Paulo: Atlas, 1987.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. MEC. **Lei de Diretrizes e Bases de Educação Nacional 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>>. Acesso em: 10.01.2019.
- _____. **Decreto-lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. Disponível em: <http://planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20042006/2006/Lei/L11274.htm#art3>. Acesso em: 10.01.2019.
- CALLAI, Helena Copetti. **Aprendendo a ler o mundo: A geografia nos anos iniciais do ensino fundamental**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, maio/ago. 2005.
- _____. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. (Org). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2003.
- CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. **Alfabetização em geografia**. In: Espaços da Escola, Ijuí, v. 10, n. 37, p. 29-46, jul./set. 2010.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas** In: Seminário Nacional: Currículo em movimento – Perspectivas atuais, 1, 2010. Belo Horizonte, MEC, Universidade Federal de Goiás. 2010, p. 1 – 16. Acessado: 24 jan. 2017. Disponível: <<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7167-3-3-geografia-realidade-escolar-lana-souza/file>>. Acesso em: 10.07.2019.
- _____. **Geografia, escola e construção de conhecimento**. 18ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2013.
- COBRA, Rubem Q. Edmund Husserl. Página de “**Filosofia Contemporânea**”. Disponível em: <<https://www.cobra.pages.nom.br/fc-husserl.html>> Acesso em: 9/12/2004.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2007.
- FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. São Paulo: Atlas, 1993.
- LENCIONI, Sandra. **Região e Geografia**. São Paulo: EDUSP, 2003.
- LOCH, Ruth E. Nogueira. **Cartografia: representações, comunicações e visualizações de dados espaciais**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2006.
- MAIA, Newton Freire. **A ciência por dentro**. 5ª ed. Petrópolis, Vozes, 1998.
- MARQUES, Tania Beatriz Iwaszko. **Do egocentrismo à descentração: a docência no ensino**

superior. Tese apresentada ao programa de doutorado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

MATIAS, Vandeir Robson. **Abordagem teórica-metodológica da Geografia escolar e cotidiano:** elementos importantes no processo de ensino e aprendizagem. Caminhos de Geografia, Uberlândia, v. 9, n. 27, p. 175 – 183, set. 2008. Disponível: <www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/download/15737/8905>. Acesso em: 14.02.2017.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MORAES, Antônio Carlos Robert de. **Geografia:** pequena história crítica. 21ª ed. - São Paulo: Annablume, 2007.

NETTO, Alexandre Annenberg. Infovias. In. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação 2008.** CGI.br (Comitê Gestor da Internet no Brasil).. São Paulo, 2009. Disponível: <<https://cgi.br>>. Acesso em: 14.02.2019.

OLIVEIRA, Arioaldo Umbelino. **Para onde vai o ensino de geografia?** 3º edição. Brasília, 1987.

PABIS, N. A. Et al, **O Ensino de História e Geografia nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.** Sistema Universidade Aberta. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Biblioteca Central – UNICENTRO – PR, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.unicentro.br/Iniciais%Ensino%Fundamental.pdf>>. Acesso em: 14.11.2019.

PASSINI, Elza Yasuko. **Alfabetização Cartográfica e o livro didático:** uma análise crítica. Belo Horizonte: Editora Lê, 1994.

RODRIGUES, Auro de Jesus. **Geografia:** introdução à ciência geográfica. São Paulo: Avercamp, 2008.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço:** técnica e tempo. razão e emoção. 4ª ed. 2 reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado:** fundamentos teóricos e metodologias da geografia. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. **Técnica, espaço, tempo:** globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo, Hucitec, 1994.

_____. **Por uma Geografia Nova:** da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. 3ª edição. São Paulo: HUCITEC, 1986.

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais.** 2001. 155 f. Tese (Mestrado em Geociências) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas: SP, 2001.

VON ZUBEN, Newton Aquiles. **Os caminhos da fenomenologia.** Disponível em: <http://www.fae.unicamp.br/vonzuben/caminhos.html>> Acesso em: 20.01.2019.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente.** S. Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. **A Construção do pensamento e da linguagem.** Tradução de P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Psicologia pedagógica.** Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

Recebido em 08 de junho de 2017.

Aceito para publicação em 10 de julho de 2021.

